

CONTRATO N 2810/97  
ECT CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP AC CÂMARA LEGISLATIVA

Biblioteca/CLDF

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 54/56  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

GOOOO!!!

**Esse é o  
país do  
futebol**

**Entrevista com o poeta  
Anderson Braga  
Horta**

# A poesia como oração



## ANDERSON BRAGA HORTA

*A parte do pêndulo que traz equilíbrio à literatura de Brasília - há segmentos que insistem em sua inexistência - está do lado de Anderson Braga Horta, à frente de sua conduta ética e, sobretudo, à frente de sua poesia totalmente personalizada. Anderson Braga Horta, pela construção de uma poética própria, pela elegância construtiva de seus versos, é reconhecido*

*nacionalmente, e a sua poesia, ao afirmar-se fora das fronteiras da ilha brasiliense, vem confirmar que a literatura existe no Planalto.*

*Quem está acostumado a vê-lo sempre numa postura de observador e moderador em todos os eventos literários da Capital - pois é, entre todos, o escritor mais freqüente e fiel da literatura brasiliense -, terá oportunidade de se encontrar, nesta entrevista, com seu outro lado, o lado lúcido e partícipe, intérprete das questões políticas de seu País e da valorização estética exigida por seu tempo, numa visão viva da atualidade em que está inserido.*

*Ainda recentemente, junto com Fernando Mendes Vianna, foi o representante de Brasília incluído e estudado n'A Poesia da Geração de 60 - Sincretismo, antologia organizada por Pedro Lyra. Mas sua trajetória teve início em 1971, com Altiplano e outros poemas, seguindo-se Marvário (1976), Incomunicação (1977), Exercícios de homem (1978), Cronoscópio (1983) e O pássaro no aquário (1990), além da antologia O cordeiro e a nuvem (1984), organizada e prefaciada pelo saudoso Antonio Roberval Miketen e editada por Victor Alegria.*

*Depois de passar oito anos sem publicar, Anderson Braga Horta prepara a edição de dois livros de poesia inéditos, já com títulos definidos (Quarteto Arcaico e Pulso). Sem esquecer que ele mesmo declara que tem pronto um livro de sonetos antigos, um de contos, outro de ensaios e conferências. E arremata: "E material para mais."*

*Se o pêndulo da poesia parasse agora, do lado de Anderson Braga Horta jamais existiria desequilíbrio. E se houvesse desequilíbrio, este penderia apenas para o lado da positividade, da sensibilidade e da coerência artística de um homem muito bem sintonizado com o seu tempo.*

Entrevista  
concedida a  
João Carlos Taveira

**DF LETRAS - Neste final de século marcado pelas imagens, pelo fragmento e pela popularização do computador, os poetas continuam produzindo. Mas produzindo para uma elite cada vez mais comprometida com seu próprio umbigo. Como você se sente diante desse quadro desolador para a criação literária?**

**ABH -** Meu caro Taveira, tentando responder dialeticamente a sua pergunta, peço-lhe que me permita analisar algumas das afirmações que ela contém, e talvez contestar - provisoriamente - alguns de seus elementos. Você verá, ao fim, que estamos de acordo, mas nesse estar de acordo há, me parece, algumas sutilezas, e algumas distinções.

Pra começo de conversa, diria que não se faz poesia "para". (Salvo certa poesia didática; mas isso é outra coisa.) É verdade que a poesia, pelo menos no sentido em que a entendemos você e eu, é uma arte *de elite*, o que quer dizer que, pelo requinte cultural que implica, só pode ser compreendida por uma elite intelectual e - espécie de corolário - só pode ser produzida por alguém que pertença a essa elite; não quer dizer que a poesia seja *produzida* - sublinho no verbo a conotação industrial - para gáudio dessa elite.

A arte é como uma oração. A poesia é sacrifício que o poeta oferece, em seu íntimo altar, a Deus, ao Cósmico, ao Alto, ao Uno, a Algo, enfim, que ele vê como Origem e como Meta; é missa que ele oficia, em seu templo interior - considere o deliberado romantismo da frase -, e que joga - também deliberada é a referência

lúdica - com o que ele tem de melhor, de mais refinado, de mais elevado. É alquimia espiritual. É instrumento de ascensão anímica. É oração e dança do espírito - coisas que talvez afinal se equivalham.

Mas a arte, a poesia, como qualquer oração, se tem nascedouro no indivíduo, procura foz no coletivo. Ela se quer de todos. Para que tal se realize, duas condições há: que ela, poesia, tenha grandeza bastante para tanto; e que os outros sejam capazes de comungá-la.

Quanto ao mais que se agasalha em sua pergunta, penso o seguinte: que o fragmento marca este fim de século tanto quanto a possibilidade holística; que a televisão (que vejo metonimicamente em sua expressão "imagens") e o computador são maravilhosos instrumentos, que podemos e ainda havemos de utilizar da melhor maneira; e que as elites, as elites culturais dignas dessa qualificação, voltam a expandir o olhar desde os próprios umbigos para as infinitas gradações da alteridade.

O quadro das circunstâncias é, ao mesmo tempo, desolador e estimulante. Tentar o poema - forma de ver e agir de extraordinária riqueza potencial, pela união maior que enseja entre o pensar e o sentir - é oferecer um tijolo à obra de autofazimento da humanidade, gesto de particular importância neste momento crucial que impomos ao Planeta. É fundamental que os poetas continuem produzindo. Que os nossos tijolos sejam resistentes e que a nossa argamassa não seja bastarda.

Sinto-me, pois, como um operário - entre milhões - de uma obra que pode se revelar

magnífica. Depende de todos e de cada um.

**DF LETRAS - Sem divulgação e, conseqüentemente, sem leitores, de que modo a poesia poderá resgatar o seu papel libertador?**

**ABH -** É preciso educar. Não apenas instruir para o vestibular ou para um ofício, mas verdadeiramente educar, isto é, instrumentalizar o jovem para a percepção do universo, para o conhecimento de si mesmo, para o entendimento de que a vida é a mais bela explosão cósmica, e de que é solidária.

Vivemos um momento de massificação, mas vislumbro indícios de uma vital revalorização do indivíduo. (Tenhamos presente que o coletivo começa no individual e que, portanto, não pode dar boa coisa o cole-



tivismo que não se esmere na consideração da pessoa.)

Continuemos rezando a nossa oração...

**DF LETRAS - Fala-se muito em crise moral e ética, sobretudo na classe política. Tendo trabalhado na Câmara dos Deputados durante 40 anos, como conseguiu conviver com barreiras e conflitos ideológicos tão castradores?**

**ABH -** Castradora é a supressão do conflito, ou melhor, da sua manifestação, de que temos tidos exemplos infelizmente tão repetidos. A Câmara reflete o que se passa no País. Trabalhar nela é, do ponto de vista crítico em que você se coloca, semelhante a trabalhar na imprensa, no comércio ou numa profissão liberal. Com uma vantagem que devemos reconhecer: atuar nesse meio é atuar no centro de gravidade da Nação. Com todos os defeitos que maculem a representação em dado momento, a instituição parlamentar é - não conseguimos criar-lhe substituto eficaz - essencial ao florescimento do que chamamos democracia. Tanto assim é que as ditaduras modernas esforçam-se por manter corporações que se lhe assemelhem, que exerçam ou aparentem exercer ao menos uma parte das atribuições que universalmente se lhe reconhecem como próprias.

**DF LETRAS - Desde Altiplano e outros poemas até o ainda inédito Quarteto Arcaico, sua poesia vem ganhando prêmios e se consolidando como obra de enorme fôlego estético. Do ponto de vista do criador, isso o realiza?**

**ABH -** O poeta se realiza no poema. Realiza-se, pois, em altitudes variáveis... Às vezes tem a ilusão de haver alcançado um píncaro, ou um pa-



tamar elevado; quase sempre, porém, o morde a percepção de que é ainda pequeno para as alturas do Sonho. Os prêmios, e elogios como o contido na sua generosa adjetivação, agradam - e estimulam.

**DF LETRAS - Sua atividade literária não se resume à poesia. Você, além de contista, de cronista, vem trabalhando também na área do ensaio e da crítica. Como concilia tudo isso com a profissão, com a leitura e com a melomania?**

**ABH -** Tudo é matéria de literatura. Tudo conflui na poesia, que é refinamento e que é síntese. Quanto ao exercício da profissão, tem só a ganhar com o alargamento do horizonte cultural. E sempre se consegue tempo para o que se ama.

Já quanto à música... é uma das criações do homem que o justificam.

Meu apreço por essa produção máxima da criatura humana está expresso em muitos de meus poemas. O amor à música e a frustração de não *ser* música é, por exemplo, a matéria de um poema de *Cronoscópio* que peço licença para reproduzir:

Aglossia

*Misturam-se, difusos,  
no limbo da palavra  
embriões de idéias, sentimentos*

*informes ainda.*

*Ó estados nebulosos,  
ó gestações obscuras,  
indizíveis cousas!*

*De humano, só na música  
traduzis vosso gesto.*

*E não saber recompor-vos  
em notas e silêncios  
os equívocos movimentos  
e súbitos repousos,  
calar, sem língua! o vosso  
matinal universo -  
ai, muda corda no peito!*

Se tempo não me sobrar para a música, para que tanto tempo?...

**DF LETRAS - Drummond, numa entrevista admirável a Edmilson Caminha (Palavra de Escritor, Thesaurus, 1995), mostrou-se muito pessimista em relação à poesia contemporânea. No seu entender, os novos poetas "estão ébrios, tomaram pileque de liberdade". E foi mais fundo: "O Modernismo teve esse mal." Você acredita na superação dessa herança por parte das novas gerações?**

**ABH -** Obedecemos à lei do pêndulo, que, se vai todo para um lado, tende a voltar todo para o oposto... A lei física, enunciada por Newton, segundo a qual a toda ação corresponde uma reação igual e contrária tem aplicabilidade também no âmbito social. É de nossos dias uma confirmação radical disso: após vinte anos de ditadura, de intolerância, de arbítrio,

de censura, fizemos da liberdade, da *abertura*, quase um absoluto, uma verdadeira mística, a que tentar impor um limite pode irrogar a pecha de indecente. É a embriaguez a que se refere Drummond, e que sucede à repressão, à rigidez normativa.

Mas o pêndulo, em última análise, *tende* ao equilíbrio... Que não seja total, pois ficaria muito parecido com a morte.

**DF LETRAS** - *Ainda não falamos de uma outra atividade a que você se dedica: a tradução. Como é, para você, o ato de traduzir poemas?*

**ABH** - É preciso *entrar* no poema, para bem traduzi-lo. Não apenas estudar-lhe a estrutura métrica, estrófica, rítmica, sintática, as exterioridades, enfim, mas tentar penetrar-lhe as íntimas ligações vocabulares, as mais difusas conotações, o *sentido estético*, fugaz que seja; não apenas a análise, mas também, e principalmente, a apreensão gestáltica.

Vamos a um enfoque mais prático. O primeiro passo para traduzir um poema é, obviamente, conhecê-lo; o segundo, amá-lo; ou, quando nada, sentir-se instigado pela dificuldade que apresenta - e, nesse caso, traduzir é uma forma de conhecer. Claro que é possível bem traduzir *profissionalmente*, caso em que pode não haver o segundo elemento; mas prefiro falar da tradução sem compromisso, amadorística (no melhor sentido), que é a que tenho tentado. A afinidade com o objeto da tradução é meio ca-



minho para um bom resultado.

Não esquecer o arroz-com-feijão do tradutor de poemas: fidelidade (inclui a resistência à tentação de "aperfeiçoar" ou "atualizar" o original) mais qualidade estética (isto é, que o poema traduzido não soe como tal, não se traia num sotaque rebarbativo, mas dê a impressão de ter sido escrito diretamente na língua segunda, ainda que a inovando).

A fidelidade é mais dificultosa do que geralmente se pensa. Implica não apenas competência interlingüística, mas ainda uma sensibilidade de que eu diria lúdica: saber optar, caso a caso, passo a passo, entre ser fiel antes às qualidades formais (melopéia, fanopéia,

principalmente) ou antes ao arcabouço lógico-sintático, por exemplo.

Muito difícil, tudo. Mas um belo exercício; além do mais, imprescindível à saúde das literaturas nacionais.

**DF LETRAS** - *Alguns escritores são contrários às atividades acadêmicas. Julgam as academias "igrejinhas" ou locais de encontros vazios. Como acadêmico, o que tem a dizer?*

**ABH** - As academias a que se refere a pergunta surgiram com o objetivo de debater assuntos literários. Frequentemente, como é natural, se elegiam vultos e obras do passado. Hodiernamente, a sua condição de agremiações organizadas, que se desejam perenes e a que se pode candidatar apenas quem já tenha considerável obra realizada, parece fadá-las ao culto da tradição, embora não as obrigue à recusa do novo. A esse conservadorismo intrínseco some-se o fato de muitas delas, no passado, se terem constituído para o louvor de personalidades poderosas ou se terem perdido em jogos literários fúteis ou ridículos, e temos a origem da animadversão que lhes votam algumas pessoas.

Ora, uma academia é o que os seus membros queiram e possam fazer dela. Será uma corporação para abrigar panelinhas literárias, um local de encontros vazios ou um centro coletor e irradiador de cultura. Lembre-se de que um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras foi ninguém menos que o fabuloso Machado de Assis.

**DF LETRAS** - *Filho de poetas e irmão de escritores, qual foi o fato mais marcante na sua formação?*



**ABH** - Nascer de pais poetas deu-me, com certeza, um condicionamento positivo. Desde muito cedo cultivei o hábito da leitura. Lia tudo o que me vinha às mãos, de Monteiro Lobato a Susana Flag (pseudônimo de Nelson Rodrigues), de Nietzsche que, naturalmente, não podia assimilar às revistas em quadrinhos. Meu interesse em escrever poesia surgiu em Manhumirim onde cursava o ginásio e em Leopoldina, onde fiz o clássico, encontrei atmosfera ideal para o despontar dos primeiros versos. Mas o acidente mais notável de minha formação poética foi, ainda em Manhumirim, o súbito conhecimento da explosão vocabular de Castro Alves ("O navio negreiro", no *Tesouro da juventude*).

Houve, depois, outras explosões de beleza, propiciadas por Bilac, Antero, Camões, Alphonsus, Cruz e Sousa, Drummond, Cecília, Pessoa... Mas a de Castro Alves foi a mais magnífica, porque a primeira, e a iniciadora.

**DF LETRAS** - *Agora, uma pergunta que não me privo de fazer a todo poeta: qual o seu processo de criação? Quando e como nasce o poema?*

**ABH** - O poema nasce quando quer. O ritmo, a idéia, a imagem, às vezes e todo um verso, a semente do poema se oferece de improviso. Em geral é algo muito vago, uma nebulosa que gira na mente do poeta; mas pode ser o verso inicial, como pode ser o fecho de um soneto. Daí para a realização do poema vão algumas horas, ou dias, ou meses, e sempre muito trabalho. Quase sempre: há poemas que se oferecem meio feitos.

Não será assim com todos. Mas é assim comigo.

Em minhas reflexões sobre o poé-



te dos olhos, movendo a pena uma experiência já ponderável do fazer poético. Fazia. Mas o poema não prestava. (Há, todavia, um truque para cutucar a inspiração, para provocar o poema: suscitar o estado de poesia pela leitura de poesia, pela audição de música, enfim, por qualquer maneira adequada à sensibilidade do poeta; ou estudar o tema desejado, meditar sobre ele e largá-lo, deixando que o subconsciente trabalhe, até emergir a fagulha detonadora.)

Assim, apesar de toda a disciplina, todo o formalismo que, com razão, me imputam, considero-me um poeta de *inspiração*.

**DF LETRAS** - *Seu livro mais recente, O pássaro no aquário, foi publicado em 1990, portanto há oito anos. Quais os seus planos editoriais para o presente?*

**ABH** - Planejo publicar uma reunião de meus livros editados, acrescidos de dois inéditos feitos com as sobras das versões definitivas de *Exercícios de homem* e *Cronoscópio* - versos ditados pelo ódio à ditadura, cujo teor circunstancial os expulsou desses livros, literária e filosoficamente, se assim o posso dizer, mais ambiciosos. Estão prontos para impressão os volumes de poemas *Pulso* e *Quarteto Arcaico*; este, prestigiado pelo seu prefácio. Acha-se no prelo da Thesaurus uma antologia temática da poesia de Álvares de Azevedo. Outra antologia, de Alphonsus de Guimaraens, que chegou a ser aprovada pelo extinto Instituto Nacional do Livro, permanece inédita. Tenho ainda prontos um livro de sonetos antigos, um de contos, outro de ensaios e conferências, uma antologia pessoal de poemas sobre linguagem e sobre poesia. E material para mais.